

# Muito além do barulho: uma aproximação sobre a identidade do *heavy metal* representada na revista *Rock Brigade*

Jaime Luis da SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** Um dos subgêneros do rock de maior longevidade, o *heavy metal* transcende a esfera meramente musical, apresentando aspectos que o caracterizam como uma subcultura disseminada em vários países. Partindo do pressuposto de que os meios de comunicação, em especial os jornalísticos, constituem espaço privilegiado para a análise de manifestações culturais e construções de identidades, este artigo busca identificar que marcas identitárias do gênero musical *heavy metal* encontram-se representadas na revista mensal *Rock Brigade*. Editada desde 1982, o título é uma das mais antigas publicações segmentadas sobre música em circulação no Brasil. O corpus de análise deste trabalho são as resenhas e cartas de leitores veiculadas em um exemplar da revista, publicado em setembro de 2006.

**Palavras-chave:** jornalismo cultural; cultura juvenil; identidade; música; *heavy metal*.

## 1 Introdução: uma proposta de abordagem

A aquisição e o uso de determinados bens transcendem a dimensão de um simples ato econômico. Por meio das escolhas que fazemos, o consumo transforma-se em um processo de construção de significados que nos situa social e culturalmente. Enquanto espaço de distinção simbólica e diferenciação (CANCLINI, 1999), o consumo também é parte importante no estabelecimento e na delimitação das identidades, que, segundo Hall (2000, p.110), “são construídas por meio da diferença e não fora dela”. Ao comprarmos determinado objeto, atribuímos a ele uma carga afetiva e simbólica que não necessariamente tem a ver com seu valor econômico. A maneira como nos relacionamos com esse bem pode nos aproximar ou afastar de outras pessoas ou grupos, em um fenômeno que não se restringe aos limites territoriais de bairro, cidade ou mesmo país, como observa Hall (2005, p.74):

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmo bens, clientes para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes uma das outras no espaço e no tempo.

Tal processo pode ocorrer tanto ao adquirirmos um automóvel, quanto uma peça de roupa ou produtos midiáticos, como um CD ou uma revista. Dentro dessa perspectiva, nos interessa explorar como é possível perceber e de que forma são construídas algumas marcas identitárias do público apreciador do gênero musical *heavy metal* em uma publicação segmentada, a revista mensal *Rock Brigade*. Uma vez que o consumo fica situado dentro do ciclo de produção e circulação dos bens e que o objeto a ser consumido é “um texto aberto, que exige a cooperação do leitor, do espectador, do usuário para ser completado e significado” (CANCLINI, 1999, p.45), nos parece interessante analisar as demarcações identitárias tanto no âmbito dos produtores quanto dos receptores desse produto midiático. Essa escolha também se ancora no modelo do

---

<sup>1</sup> Jornalista e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.

circuito comunicacional elaborado por Johnson (1999) para compreender a produção e o consumo de bens culturais sem desconsiderar o contexto em que esse processo ocorre. Para o pesquisador britânico, as experiências pessoais, a “bagagem cultural” e as relações sociais nas quais produtor e receptor estão imersos influem nos momentos em que os bens culturais (ou “textos”, como o autor prefere chamá-los) são confeccionados e consumidos.

Uma aplicação integral do modelo de Johnson demandaria uma análise detalhada de cada momento do circuito (produção, textos, leitura/consumo, culturas vividas/relações sociais) com o conseqüente empenho de uma grande soma de tempo e de recursos materiais. No estudo de uma revista, por exemplo, seria necessário acompanhar de perto todas as etapas de apuração, redação e edição das reportagens ou entrevistas, dissecar esses textos depois de prontos e acompanhar a reação do público mediante a leitura do produto. Ainda assim, restariam determinados aspectos que poderiam ficar a descoberto: como avaliar exatamente a carga de experiências pessoais que os repórteres e editores trazem para cada texto produzido? De que forma medir o impacto do contexto social do leitor na sua interpretação do texto? Em que medida suas leituras anteriores ou seu *background* cultural influem na sua compreensão dos assuntos tratados pela publicação?

Tentativas de viabilizar na prática a utilização integral do modelo de Johnson estão sendo levadas adiante por alguns pesquisadores, como Strelow (2005) que procura aplicar o circuito comunicacional na análise da revista *Aplauso*<sup>2</sup>. Para fazer frente a este desafio, a pesquisadora elaborou uma metodologia batizada de Análise Global de Periódicos Jornalísticos, que se utiliza de pressupostos teóricos como o *newsmaking*, e a análise de conteúdo como tentativa de dar conta de todas as etapas do circuito. Mesmo assim, no momento de analisar a recepção do produto, além de entrevistas com os leitores a pesquisadora se socorre da seção de cartas da revista, analisando o texto de cartas ou e-mails enviados pelo público.

Neste artigo, optamos por estudar apenas o texto de algumas seções da revista *Rock Brigade*, apesar de Johnson (1999, p.33) ressaltar que as condições de produção dos produtos culturais, na sua totalidade, “não podem ser inferidas simplesmente examinando-os como *textos*”. No entanto, considerando a própria premissa do autor de que o produto traz consigo traços das subjetividades e especificidades dos produtores, que, por sua vez, são realimentadas pelo retorno das interpretações e usos feitos pelo público, entendemos que o texto ainda se constitui em um espaço privilegiado para a análise. O texto é parte de um todo, mas permite que se tenha uma idéia do contexto geral em que está inserido.

A noção do todo presente no texto talvez seja mais evidente no caso da publicação selecionada para esta análise. Surgida a partir de um fanzine<sup>3</sup>, em 1982, a *Rock Brigade* é hoje uma das publicações específicas sobre música mais antigas em circulação no país, tendo uma tiragem média mensal de 60 mil exemplares (MONTEIRO, 2003). O fato ter sido criada por iniciativa dos próprios fãs do estilo musical abordado prioritariamente em suas páginas é um dos indicadores do elo da revista com seu público. A proposta da publicação já é explicitada no próprio nome, emprestado de uma canção homônima do grupo inglês de *heavy metal* Def Leppard: *Rock Brigade*, ou

---

<sup>2</sup> Revista sobre cultura editada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Publicação informativa de caráter amador confeccionada por fãs de determinadas bandas ou gêneros, no caso da música, com o objetivo de difundir seus artistas preferidos.

“Brigada do Rock”, em português, transmite a idéia de um grupo comprometido com uma causa, uma luta. No caso, o próprio rock.

Mas esta não é a única instância de aproximação na revista entre produtor e receptor. A cada mês, o título dedica em média quatro de suas 84 páginas à publicação de textos de cartas enviadas pelos leitores, além de resenhas sobre gravações amadoras de bandas formadas por integrantes do público consumidor da revista. Na edição de setembro de 2006, por exemplo, foram publicados 53 textos de correspondências de leitores, número consideravelmente alto para as publicações brasileiras especificamente musicais<sup>4</sup>. O espaço funciona como um fórum, onde os leitores podem, entre outras coisas, criticar ou elogiar matérias publicadas na revista, debater declarações de entrevistados, se corresponder com outros leitores e, principalmente, expressar suas opiniões sobre o *heavy metal*. A abrangência do espaço e a pluralidade de assuntos tratados na seção de cartas permitem conhecer, pelo menos parcialmente, algumas reações dos leitores ao material publicado. Portanto, também é espaço rico para se explorar as características identitárias desse gênero musical.

## 2 O universo do *heavy metal*

Na seção anterior, consideramos adequado explicitar a partir de onde construiremos nossa análise. Agora, antes de explorar mais detalhadamente o objeto deste artigo, pensamos ser importante aprofundar melhor as particularidades que caracterizam o *heavy metal* e permitem diferenciá-lo dos demais gêneros musicais derivados do rock and roll. Conhecer tais peculiaridades é fundamental para que se possa compreender porque, nos debates sobre o gênero, determinados aspectos são valorizados positiva ou negativamente pelos *headbangers*<sup>5</sup>.

O principal aspecto distintivo do *heavy metal* é sua sonoridade agressiva e a sensação de peso, produzida pela maneira como os instrumentos musicais, em especial as guitarras, são equalizados e arranjados. O “peso” para o gênero é tão importante que a evolução do *heavy metal* para muitos fãs é descrita “como uma progressiva busca por uma música mais pesada” (BERGER, apud CARDOSO FILHO, 2005). O domínio dos instrumentos<sup>6</sup>, a habilidade na execução das músicas, em especial o virtuosismo do guitarrista solo, é outro aspecto sonoro valorizado dentro do universo metálico desde a década de 1970 (STRAW, 1993). Para o músico ou fã de metal não basta tocar bem, é preciso demonstrar sua destreza como instrumentista.

O universo metálico, porém, não se restringe exclusivamente à dimensão musical. Em seu amplo estudo sobre o tema, Weinstein (1991/2000) identificou que além do aspecto sonoro, o *heavy metal* é um fenômeno cultural com um código próprio que também contempla uma instância visual e verbal. Ao utilizar o termo *heavy metal*, a pesquisadora se refere a estas três dimensões. É essa a perspectiva que também adotamos neste artigo.

---

<sup>4</sup> Apenas como comparação, as edições de setembro de 2006 das revistas *Bizz* (de música pop rock em geral) e *Rockhard Valhalla* (que também trata exclusivamente heavy metal) publicaram, respectivamente, 14 e três cartas, enquanto a *DJ Sound* de julho/agosto de 2006 (voltada à música eletrônica) não apresentava espaço para textos enviados por leitores.

<sup>5</sup> Termo em inglês que significa literalmente “batedores de cabeça”, em alusão ao movimento que os fãs do gênero executam ao acompanhar o ritmo das músicas. A palavra também pode ser usada para designar os artistas do gênero.

<sup>6</sup> Em outros gêneros musicais, como o punk rock ou o grunge, por exemplo, a atitude do músico é mais importante, enquanto a demonstração de perícia como instrumentista é secundária ou mesmo condenável.

De um modo geral, a dimensão visual abrange as roupas usadas pelos músicos e público (principalmente camisetas pretas com imagens dos artistas e bandas, jaquetas de couro ou jeans), logotipos, fotos, ilustrações e encartes dos álbuns dos grupos do gênero. A instância verbal, por sua vez, inclui os nomes das bandas, títulos dos álbuns e letras das canções. Esses três elementos verbais conectam-se com a dimensão visual do gênero através das temáticas que pontuam tanto as ilustrações dos álbuns quanto as letras das canções. Tais temas, em sua maioria, versam sobre caos, violência, fantasia, misticismo, questões religiosas, atos heróicos ou feitos épicos, busca pelo prazer (sexual ou da fruição da música em si) e a fidelidade ao estilo musical<sup>7</sup>. Um breve olhar sobre os nomes de algumas das bandas mais conhecidas do gênero e os títulos de seus álbuns (entre parênteses) é ilustrativo sobre essa questão: Black Sabbath (*Heaven and Hell*), Iron Maiden (*The Number of the Beast*), Judas Priest (*Defenders of the Faith*), Obituary (*The End Complete*) e Slayer (*Reign in Blood*)<sup>8</sup>. Conforme Weinstein (1991/2000, p.34), a combinação desses elementos “cria uma expectativa emocional e funciona da mesma maneira que a familiaridade com uma pessoa prepara nossa compreensão para suas palavras ou ações”.

Ainda na dimensão verbal do *heavy metal*, é importante ressaltar a peculiaridade observada por Straw (1993) no que se refere à adoção de um discurso, por parte dos artistas, que exalta as virtudes do gênero e as dificuldades enfrentadas por quem se dispõe a segui-lo<sup>9</sup>. Essa atitude, segundo Straw, seria decorrente da avaliação freqüentemente negativa e pejorativa dos críticos musicais, que não raro classificavam o estilo como sendo simplesmente barulho. Em contrapartida, músicos e demais pessoas envolvidas no universo do *heavy metal* passaram a combater a postura dos veículos da chamada mídia de massa, que teriam “perdido contato com vastas parcelas do público de rock” (STRAW, 1993, p.375). A atenção a esse aspecto é fundamental para se compreender melhor as publicações especificamente direcionadas ao estilo que passaram a surgir a partir do final de década de 1970<sup>10</sup>.

Com origem na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, as revistas especializadas em *heavy metal* em poucos anos se espalharam por diferentes países, acompanhando a popularização do gênero. Enquanto a mídia de massa tende a diluir as particularidades do *heavy metal* ou tratá-las com estranhamento, os títulos segmentados buscam uma aproximação maior com seu público, valorizando e fortalecendo as singularidades e os padrões tradicionais do gênero (WEINSTEIN, 1991/2000). A postura adotada pelas publicações especializadas é vista por Brandini (2004, p.117) também como uma

---

<sup>7</sup> Letras com conteúdo crítico social e político tornaram-se mais freqüentes a partir do final da década de 1980, mas ainda são minoritárias dentro deste gênero musical.

<sup>8</sup> Respectivamente: Sabá Negro (*Céu e Inferno*), Donzela de Ferro (*O Número da Besta*), Sacerdote de Judas (*Defensores da Fé*), Obituário (*O Fim Completo*) e Assassino (*Reinado em Sangue*). Embora existam bandas de heavy metal em diversos países, o inglês tornou-se uma espécie de língua oficial do gênero. As implicações culturais e mercadológicas dessa opção, embora interessantes, não serão discutidas neste artigo. Todas as traduções dos originais em língua estrangeira são de responsabilidade do autor.

<sup>9</sup> A adoção de um discurso com conotações heróicas que exalta as virtudes do gênero e sua importância para o imaginário do *heavy metal* é discutido em um artigo de nossa autoria ainda não publicado.

<sup>10</sup> Embora sejam fenômeno muito importante dentro do universo heavy metal, as publicações segmentadas em um gênero musical específico surgiram praticamente juntas com o movimento punk no final dos 1970. Hoje, inclusive no Brasil, há títulos que cobrem outros estilos, como a música eletrônica e o *hip hop*.

abordagem deliberadamente apaixonada que se sobrepõe aos princípios de isenção e imparcialidade jornalísticos:

A despeito de outros segmentos da mídia contarem com profissionais formados em jornalismo ou editoração, a imprensa especializada em rock, no Brasil e em outros países, na maioria, é conduzida por fãs de rock. (...) Por um lado, a imparcialidade jornalística era desconsiderada. Por outro, colaboradores estranhos à profissão, mas motivados pela paixão catalisaram a ideologia, a genuína percepção do senso compartilhado com fãs de rock. Essas pessoas expressavam as idéias, o entendimento e a identidade dos grupos aglutinados em torno do gênero musical enfocado pelas publicações.

Essa estratégia editorial diferenciada, no entanto, não deixa de ter semelhanças com a mesma atitude de prospecção de mercado que norteia qualquer publicação mais específica, seja ela pertencente a uma editora independente ou a um grande conglomerado midiático. Conforme analisa Mira (2003, p.11), o editor tornou-se alguém capacitado a identificar grupos de leitores/consumidores, “um especialista que encontrou a fórmula editorial capaz de atrair, no mercado nacional, o grupo de consumidores que determinados anunciantes pretendem atingir”. No caso do *heavy metal* no Brasil, esse fenômeno se tornou mais evidente a partir de 1985, quando da realização do festival Rock in Rio, que trouxe ao país alguns dos maiores nomes do estilo. Não por coincidência, foi a partir daquele ano que a *Rock Brigade* deixou de ser apenas um fanzine para se tornar um revista de fato, com periodicidade definida (MONTEIRO, 2003). Por mais singular que seja um produto cultural, não podemos esquecer a lógica do circuito comunicacional assinalada por Johnson (1999, p. 35): “em nossas sociedades, muitas formas de produção cultural assumem também a forma de mercadorias capitalistas. Neste caso, temos de prever condições especificamente capitalistas de consumo”.

Feita essa ressalva, é preciso mencionar uma característica das publicações especializadas em *heavy metal* que nos parece fundamental para a discussão da representação da identidade neste segmento. Tais títulos são um importante meio de circulação e partilha de relatos, comentários, fotos e imagens que compõem os mitos e estruturam o universo do gênero. As “revistas congelam o significado da subcultura, permitindo que eles sejam apreendidos e absorvidos”, avalia Weinstein (1991/2000, p.175). Talvez mais do que em outros universos musicais, o debate sobre suas características e delimitações é importante para os fãs de heavy metal, segundo constata Janotti Jr. (2004, p. 47):

Discutir a trajetória das bandas, reiterar as fronteiras do gênero e diferenciar os diversos subgêneros são importantes alicerces da sociabilidade metálica. Os relatos constituem narrativas que ordenam a história do metal, dotando de sentido o *heavy metal* e sua inserção na trajetória do rock, em contraposição à suposta desordem da música *pop*, considerada caótica e profana pelos fãs.

É como um espaço para discussão das singularidades que nos propomos a analisar um exemplar da revista *Rock Brigade* na seção a seguir, considerando que se trata de uma publicação consolidada no mercado nacional e reconhecida pelos apreciadores de *heavy metal*, conforme atestam estudos e trabalhos acadêmicos que já citaram o periódico ou o utilizaram como fonte (BRANDINI, 2004; JANOTTI JR., 2004, 2003; MIRA, 2003; WEINSTEIN, 1991/2000).

### 3 Estudo exploratório

A estrutura da revista *Rock Brigade* segue um padrão similar ao de outras publicações nacionais e internacionais sobre o gênero (JANOTTI JR., 2004; WEINSTEIN, 1991/2000). Os principais destaques da edição são apresentados na capa e reforçados no editorial, publicado normalmente na página 4, onde também são mencionados detalhes como dificuldades ou exclusividade na obtenção das matérias. O restante da publicação é dividido em seções: notas (notícias curtas, em geral sobre gravações de álbuns, turnês, mudanças de integrantes de bandas), informações técnicas sobre instrumentos e equipamentos musicais, resenhas de CDS, DVDS e shows, avaliações sobre CDs de demonstração enviados por bandas amadoras, espaço para cartas dos leitores e entrevistas com artistas que estão lançando trabalhos novos. Essa última seção ocupa cerca de 70% do espaço editorial. É interessante observar que os anúncios publicitários veiculados na revista são quase todos exclusivamente ligados à música, incluindo lançamentos de CDs, turnês de bandas, casas de shows, equipamentos e instrumentos musicais, além de camisetas com estampas de artistas do gênero.

Na tentativa de identificar as marcas identitárias do universo *heavy metal* presentes na revista, analisaremos duas seções: *Releases*, onde são apresentadas as resenhas sobre os últimos lançamentos em CD, e *Headbanger Voice*, que traz as cartas enviadas pelos leitores. Escolhemos a primeira por ser o espaço onde claramente os produtores expressam sua visão sobre o universo *heavy metal*, na medida em que tecem comentários relativos às características de cada banda, suas mudanças de sonoridade ou formação, fidelidade ao estilo, entre outros aspectos. A seção de cartas foi selecionada por sua já referida condição de ser o local onde os leitores manifestam parte de sua visão de mundo e apreciação sobre a própria revista.

Para este estudo, escolhemos a edição número 242 da *Rock Brigade*, de setembro de 2006, por ser a mais recente disponível em banca quando da confecção deste artigo. Neste mês, a seção *Releases* trouxe 41 resenhas de CDs, das quais analisaremos sete por considerá-las qualitativamente representativas de uma discussão da identidade do gênero *heavy metal*. As demais resenhas apresentavam basicamente variações das mesmas idéias ou não continham elementos que contribuíssem para esse debate. Seguem trechos dos textos selecionados.

(...) Não dá para ter esse “complexo de museu” de achar **que apenas o que foi feito nos anos 70 ou 80 é que é de fato bom**<sup>11</sup>.

(...) Dentro desse contexto histórico, *A Matter of Life and Death* é um disco excelente. As composições não fogem da linha tradicional do Maiden, afinal, **Steve Harris jamais deixaria a coisa descambar de modo a abalar a identidade do conjunto**. Sim, todos aqueles leves toques de progressivo nas intros regadas a quatro cordas e todos aqueles duetos de guitarra tão típicos estão lá, intocáveis (...). Ou seja, **todas as características que os maidenmaníacos tanto prezam continuam caprichosamente intactas**. (Comentário do CD *A Matter of Life and Death*, da banda Iron Maiden)

**Tem bandas que são como vinho: ficam ainda melhores com o passar dos anos.** É o caso do Saint, que não deixou que sua energia contagiante diminuísse ao longo dos últimos 20 anos de

---

<sup>11</sup> Os grifos são de nossa autoria.

estrada (...). A banda desafia doze faixas **de puro heavy metal tradicional** e até se aproveita da gravação de qualidade duvidosa para dar mais charme às faixas (...) Isso, somado **às guitarras poderosas, à cozinha marcante e ao vocal carismático** tornam o álbum *The Mark* um prato cheio para os amantes do metal tradicional. (Comentário do CD *The Mark*, da banda Saint)

Este disco foi gravado pela, à época, banda de Dee Snider nos idos de 1990, mas, por motivos que só o maravilhoso mercado da música pode explicar, nunca foi lançado. **Dizem que o surgimento do grunge fez a gravadora se desinteressar pela banda** (...) Com uma **performace excepcional de todos os músicos** e trazendo temas inspiradíssimos, *Ace* justifica com sobras o fato de ter passado para a história como um “clássico perdido”. **A sonoridade bem anos 80**, suja na medida certa, ajuda a dar o clima que os temas pedem e o peso na medida certa (SIC) completa o “crime”. (Comentário do CD *Ace*, da banda Desperado)

Isso aqui é black de primeiríssima, meus caros. (...) **Música pesada, raivosa, sombria e maldita. As guitarras despejam riffs ferrados, a bateria e o baixo não param um segundo, enquanto o vocal ultragutural mantém o som bastante** soturno. (...) quem curte black e se diverte com letras ultrapoliticamente incorretas, não tem como errar. (Comentário do CD *Fuck You All!!!!*, da banda Carpathian Forest)

Nesses trechos acima selecionados, acreditamos ser possível perceber, especialmente nas partes grifadas, uma tentativa da equipe da revista de identificar e valorizar positivamente os atributos do que consideram ser o autêntico *heavy metal*. Ao destacar determinados elementos musicais (duetos e riffs de guitarra, “vocais carismáticos”, “bateria e baixo não param um segundo”) ou sensações provocadas (“música pesada, raivosa e sombria”) o texto enfatiza uma sonoridade que distingue o gênero e, muitas vezes, só faz sentido para quem partilha dos seus códigos. Para um fã de música pop, eletrônica ou *hip hop* esses elementos podem não representar nada ou mesmo soar de forma repulsiva porque suas preferências, seus referências, suas escolhas afetivas são distintas. Como explica Janotti Jr. (2003, p.78), “Os roqueiros fazem significar o mundo nas diferenças. A demarcação dos lugares é construída em relação ao outro, que varia de acordo com diferentes contextos e diferentes situações”.

Chama atenção ainda a preocupação com a fidelidade ao *heavy metal*. Repetidamente, há referência à década de 1980, período considerado por muitos fãs, jornalistas especializados e pesquisadores como a fase áurea do estilo, quando este se sedimentou e se espalhou pelo mundo. Dentro do universo heavy metal, a preservação e o respeito aos padrões musicais do gênero – e suas diversas subdivisões como o *black metal*, *power metal*, *death metal*, *thrash metal*, entre outras – é um valor fundamental, que os fãs orgulhosamente discutem e defendem como forma de se diferenciar dos demais estilos musicais (WEINTSEIN, 1991/2000). É ilustrativo o trecho de uma das resenhas acima em que o crítico da revista se diz surpreso com o fato de uma gravadora deixar de lançar um CD com “temas inspiradíssimos” para dar preferência ao *grunge*<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Estilo musical surgido nos Estados Unidos no final dos anos 1980 que colocou de lado a ênfase na técnica refinada em favor de canções em estado bruto, tematizando o pessimismo e ansiedade dos jovens (Shuker, 1999).

Novamente, os valores musicais do gênero são defendidos e exaltados quando postos em comparação a outro estilo com características distintas e talvez incompatíveis com os preceitos metálicos.

As características do gênero não são reforçadas nas páginas da revista apenas ao se elogiar determinadas obras, mas também ao se fazer a crítica a trabalhos que não se enquadram nos padrões esperados ou recomendáveis ao gênero, como pode ser percebido nos fragmentos de resenhas a seguir.

Esses canadenses (...) fazem um som que, se **não é tão pesado** quanto a turma do chamado metal moderno, também não faz feio como tantos outros que **se rendem vergonhosamente às benesses do chamado “rock de FM”**. (...) Claro que você identifica aqui algumas **concessões mercadológicas**, (...) algumas passagens mais palatáveis e os indefectíveis e inevitáveis temas lentos. (Comentário do CD *One-X*, da banda Three Days Grace)

(...) O mais interessante no som deste quarteto é o fato de ele não se dedicar a apenas um estilo, mas fazer uma espécie de apanhado de diversos **gêneros ditos “da moda”**. (...) tem um pouco de metalcore, alguns solos são puro metal tradicional, é fácil achar alguma coisa das **bandas de “rock de FM”** e até o *new metal* dá as caras vez por outra. Ou seja, mais ao gosto dos americanos, impossível – apesar de a banda ser inglesa. É impressionante **o que o mercado faz** com a cabeça dessa turma... (Comentário do CD *The Poison*, da banda Bullet For My Valentine)

(...) Apesar de alguns grupos até **demonstrarem certo** talento e **domínio técnico**, seus esforços acabam esbarrando numa **absoluta falta de criatividade**, que depõe contra o resultado final de seus trabalhos como um todo. O Kiuas é um exemplo disso. (...) O **power metal épico-melodioso que encerra é daqueles que a gente já ouviu tantas vezes na vida**, mas tantas vezes, que a facilidade com que o escutamos é inversamente proporcional ao interesse real que gera. (comentário do CD *Reformation*, da banda Kiuas)

É visível a preocupação dos autores em apontar nos CDs avaliados os elementos musicais estranhos ao *heavy metal* ou que afastam as bandas em questão os sentidos comuns ao universo metálico. Falta de “peso” nas canções ou composições menos agressivas ou rebuscadas, mais acessíveis às exigências do mercado ou da programação das rádios FM são encarados como uma espécie de falha dentro da lógica que rege o gênero.

Como complemento, é interessante notar que, embora defenda e valorize as características do *heavy metal*, a *Rock Brigade* não deixa de demonstrar uma preocupação crítica com a evolução e a qualidade das produções do gênero. Isso pode ser constatado no texto da última resenha acima, onde o domínio técnico da banda é alvo de elogios, mas a sua falta de criatividade ou inovação – dentro dos padrões do gênero – é condenada. Conforme Frith (1999, p.67), é característico da imprensa especializada em rock uma tentativa de preservar a suposta qualidade da música e definir para os artistas e para público o que seria “a experiência musical ideal”.

Para finalizar este breve estudo exploratório, analisaremos a seção de cartas da revista, cuja participação se dá exclusivamente pelo preenchimento de um cupom encartado em cada edição com espaço para mensagens de até 30 palavras.



Curiosamente, a *Rock Brigade* não publica mensagens enviadas por e-mail. Ocupando duas páginas nesta edição, a *Hedbanger Voice* é dividida em cinco subseções: *Escreveram* (onde são publicados trechos de cartas de leitores com opiniões sobre a revista), *Publicações*, *Fã-Clubes*, *Serviços* (nestas três podem ser divulgados fanzines, sites ou aulas de música, por exemplo), *Negócios* (voltada a compra, venda ou troca de CDs, camisetas, pôsteres e outros materiais), *Bandas* (direcionada a grupos amadores em busca de músicos) e *Correio*. Esta última é a parte mais fértil para se tentar compreender as motivações, valores e afetos do público por ser o espaço onde os leitores buscam contato entre si, procurando gostos similares através de uma descrição dos estilos musicais que preferem ou repelem. Na edição estudada, das 53 correspondências publicadas, 30 constavam da subseção *Correio*. Destas, selecionamos quatro, que sinalizavam claramente o posicionamento dos leitores quanto à música, cujos textos são reproduzidos a seguir.

Gostaria de me corresponder com pessoas de ambos os sexos que estejam dispostas a selar uma amizade com base na música. Curto heavy, power, gothic, hard, black e death (leitora<sup>13</sup>, de Porto Alegre/RS)

Sou headbanger e odeio new metal!!! Se vocês também odeiam new metal, me escrevam!! Adoro Edguy, Épica, Tristania, Guns N' Roses e Judas Priest. Odeio Linkin Park e todas as bandas parecidas. Hardocore é um lixo também. Se gostaram do meu estilo, escrevam! (leitora de São Vicente/SP)

Quero me corresponder com roqueiras que curtam o bom e velho metal melódico, principalmente Angra. Outros estilos são bem-vindos. Obs.: Emos não são bem-vindos. (leitor de São Paulo/SP)

Amantes de Cradle of Filth, Elizabeth Bathory, fantasmas, reencarnação, Álvares de Azevedo, Edgar Allan Poe e Anne Rice, bruxos, bruxas, magos, vampiros, góticos e espíritas, me escrevam. (leitora de Guaxupé/MT)

A leitura das cartas permite verificar que os estilos musicais, os subgêneros dentro do *heavy metal* e as próprias bandas são índices utilizados pelo público da revista para se autoperceber e se reconhecer. Na medida em que um leitor afirma que é fã de determinado artista ou que detesta outro, está delimitando um espaço afetivo no qual aceita transitar ou compartilhar. Nesse contexto, não é a localização geográfica, a profissão ou a idade que são determinantes para a identificação do sujeito, mas sim sua posição em relação à música. De acordo com Hall (2005, p. 13), na contemporaneidade a identidade não é estática ou permanente, mas “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Assim sendo, para os leitores da *Rock Brigade*, é a apreciação (ou repulsa) comum de um determinado gênero musical que os identifica e aproxima. Essa identificação, porém, pode não ocorrer em outra esfera, como, por exemplo, a opção política ou a atuação profissional.

As cartas acima também permitem notar que as informações trazidas pela revista fornecem elementos para que os leitores possam construir suas falas com sentidos que sejam comuns aos fãs. As terminologias para classificar cada subgênero do *heavy metal*,

---

<sup>13</sup> Os nomes dos leitores foram omitidos para resguardar sua privacidade.

as bandas representativas, os elementos extramusicais relacionados às obras dos artistas (literatura, religião, mitos, cinema, etc.) citadas pelos leitores fazem sentido porque são compartilhadas. Nesse processo de atribuição de valor simbólico, a revista parece desempenhar um papel significativo, não só por possibilitar a circulação de informação dentro de um público específico, mas por servir como instrumento de inter-relação entre os membros desta audiência.

#### 4 Considerações finais

Na cultura de massas contemporânea não há mais limites territoriais. Todas as formas de produção cultural se inter cruzam e se reestruturam dando origem a novas perspectivas de mundo que, em um contexto específico, tornam-se elo entre pessoas de diferentes regiões, de etnias e condições sócio-econômicas distintas. Em outras palavras, cria-se uma identificação transnacional que só faz sentido dentro de uma determinada situação. É Sob este ponto de vista, apontado por Canclini (2003), que este artigo se propôs a estudar o *heavy metal*, ou seja, um gênero musical transnacional com características muito específicas que permitem que seus apreciadores o utilizem como uma identidade comum. Identidade essa construída essencialmente em torno da música, mas com peculiaridades que transcendem a dimensão sonora.

Ao enfatizarem as características do gênero e colocá-las em relação a outros estilos musicais, os fãs se reafirmam enquanto *headbangers* e se diferenciam dos demais apreciadores de música. Para que as particularidades do *heavy metal* sejam conhecidas e valorizadas, porém, é necessário que sejam conhecidas. No processo de difusão deste conhecimento específico, os meios de comunicação segmentados exercem importante papel, desempenhado no Brasil, entre outros veículos, pela revista *Rock Brigade* em especial.

No decorrer deste artigo, apontamos peculiaridades que sugerem ser este periódico uma instância privilegiada para o estudo das marcas identitárias do universo do *heavy metal*. Pelo menos dois aspectos permitem que a revista atinja essa condição. O primeiro é a visão abrangente e a reflexão crítica sobre o próprio gênero que a publicação proporciona. Nas avaliações sobre os CDs, os produtores da *Rock Brigade* oferecem um vocabulário, um contexto, um repertório de informações, que pode ajudar o público a se situar e transitar dentro deste universo. A apropriação de tais informações e seu uso pela audiência pode ser constatada através da seção de cartas. O repertório simbólico oferecido pela publicação é reutilizado pelos leitores como índice para se auto-referirem e, mais ainda, para construir novas relações de amizade alicerçadas na partilha da mesma preferência musical. Esse percurso remete outra vez ao circuito comunicacional de Johnson (1999), na medida em que produtores e receptores se retro-alimentam inseridos em um universo cultural comum.

Traçamos apenas algumas considerações sumárias de como a delimitação identitária do *heavy metal* é construída na revista *Rock Brigade*. Uma compreensão mais completa desta questão é tarefa para uma investigação de maior fôlego, mas esboçamos aqui uma maneira de como essa exploração poderia ser feita. Também esperamos ter contribuído com este texto para a reflexão sobre a importância de um segmento da mídia impressa ainda não devidamente estudado no Brasil.

#### 5 Referências

- BRANDINI, Valéria. **Cenários do rock: mercado, produção e tendências no Brasil**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- CARDOSO FILHO, Jorge Luiz Cunha. **Caos, peso e celebração: uma abordagem do Heavy Metal a partir da noção de gênero midiático**. Anais do Intercom 2005.
- FRITH, Simon. **Performing rites: on the value of popular music**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003.
- \_\_\_\_\_. El consumo cultural: una propuesta teórica. In: SUNKEL, Guillermo (org.). **Consumo cultural em América Latina**. Santafé de Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- JANOTTI JR., Jeder. **Heavy metal com dendê: rock pesado e mídia em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.
- \_\_\_\_\_. Dos gêneros textuais, dos discursos e das canções: uma proposta de análise da música popular massiva a partir da noção de gênero midiático. In: GOMES, Itani Maria Mota. SOUZA, Maria Carmem Jacob de. **Media & cultura**. Salvador: Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea, 2003.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho D'Água, 2003.
- MONTEIRO, Antônio Carlos. **Rock Brigade número 200: 22 anos de grandes batalhas**. Rock Brigade, São Paulo, n. 200, março de 2003.
- SHUKER, Roy. **Vocabulário de música pop**. São Paulo: Hedra, 1999.
- STRAW, Will. Characterizing rock music culture: the case of heavy metal. In: DURING, Simon (org.). **The cultural studies reader**. London: Routledge, 1993, p. 368-381.
- STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ) – Uma estratégia metodológica**. Anais do GT de Jornalismo do VIII Seminário Internacional de Comunicação. Porto Alegre, 2005.
- WEINSTEIN, Deena. **Heavy metal: the music and its culture**. New York: Da Capo, 1991/2000.

